

## De que vida nasce Comunhão e Libertação

Entrevista com Luigi Giussani

por Giorgio Sarco, maio de 1979

Esta entrevista com Dom Giussani foi realizada em maio de 1979 para o semanário *Il Sabato*, que a publicou na edição nº 20, de 19/5/1979, omitindo, por razões de espaço, boa parte dela.

Apresentamos aqui a versão integral, publicada em italiano como suplemento da revista *Litterae Communionis CL* nº 7-8 (1979) e em seguida no livro *Un avvenimento di vita, cioè una storia* (Roma: Edit-Il Sabato, 1993, pp. 347-371). Esta é a primeira publicação em língua portuguesa.

### A intuição originária

*O que é propriamente Comunhão e Libertação? Um projeto social, uma cultura, uma estratégia de educação ou alguma outra coisa?*

Comunhão e Libertação é simplesmente uma *intuição* do cristianismo como acontecimento de vida e, portanto, como história. Desde o início do Movimento, sempre sublinhamos que uma ideia, um valor intuído, se desenvolve tornando-se um *método* de enfrentamento da realidade, que por sua vez produz uma mudança de todas as relações vividas. Da mesma forma, a intuição cristã se desenvolve tornando-se um método de juízo e de vida.

A meu ver, a história e o desenvolvimento que o Movimento teve foram determinados, em primeiro lugar, pela pertinente autenticidade de sua intuição originária, ou seja, do ponto de vista do qual partimos para nos engajar com o fato cristão. Recordar como essa intuição nasceu em mim é despertar uma das lembranças mais belas da minha vida. É claro que a primeira intuição de que o horizonte da existência é o amor de Deus surgiu numa situação espiritual preparada pela educação familiar e depois aprofundada pela vida no seminário; mas esta desabrochou propriamente e se tornou consciente quando li e compreendi pela primeira vez com verdadeira inteligência o início do evangelho de João: “O Verbo se fez carne”. Ainda me lembro de como meu professor no seminário, padre Gaetano Corti (que atualmente, se não me engano, leciona História do Cristianismo na Universidade de Trieste), explicava essa passagem a nós, jovens, dizendo que o eixo da realidade e o centro da vida da pessoa e do mundo se havia tornado, em Cristo, uma *presença encontrável* para cada um de nós.

Naquela época, eu lia Leopardi com muito gosto e paixão; de modo particular, lia e relia o canto “À sua dama”, que um dos maiores especialistas em sua obra, Giulio Augusto Levi, considera ponto-chave de todo o itinerário espiritual do poeta. Até aquele momento, Leopardi se apaixonara por uma mulher, por outra e mais outra, mas entendeu ali que era uma outra coisa o que buscava dentro do

rosto de cada mulher: a Beleza, a que nenhuma figura de mulher fazia justiça plenamente. Nasceu então nele algo que podemos legitimamente chamar oração, a oração de um ateu: “Se das ideias eternas/ Uma és tu, que de forma tão sensível/ Não quis do ânimo eterno estar vestida,/ E entre náuseos detritos/ Provar as ânsias da funérea vida/ [...] Recebe, de onde o tempo é infausto e breve,/ Deste amante ignoto o hino que ele escreve” (Cf. Leopardi, G. “À sua dama”, vv. 45-49 e 54-55. Tradução de Ivan Junqueira. In: Lucchesi, M. [org.] *Giacomo Leopardi. Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 234). Comecei a entender o início do evangelho de João, “o Verbo se fez carne”, ao compará-lo com essa lírica, que expressa, num certo sentido, o nível mais profundo da busca humana. O homem, muitas vezes inconscientemente, é um mendicante da Beleza, da Verdade, da Justiça, que não consegue encontrar em lugar nenhum. Mas a Beleza que se fez carne, a Verdade que se fez carne, a Justiça que se fez carne estão entre nós, são o Verbo de Deus, são Jesus Cristo.

Desse mesmo período, e no mesmo sentido, eu me lembro também da maneira como o reitor do seminário, Giovanni Colombo, atual cardeal de Milão, explicava e comentava a *Divina Comédia*, obra do gênio que mais bem expressa um povo formado pela experiência da Igreja.

Desde então, a primeira vez em que ouvi, não sem um sobressalto, alguém repetir aquela intuição originária, esclarecida pelas experiências daqueles anos, e com a mesma inflexão, foi quando li a encíclica de João Paulo II: “Cristo é o centro do cosmo e da história” (*Redemptor hominis*, 1). De fato, foi essa a intuição que carreguei comigo durante todos os anos que passei no seminário; essa intuição constituiu o motivo exaustivo pelo qual fui ensinar religião nas escolas: para comunicar aos jovens a verdade que me havia impressionado e a necessidade de mudar a vida à luz dessa verdade.

Outro elemento que contribuiu para o crescimento do Movimento, para fazer dele o que é, foi o tipo humano a que essa intuição se dirigiu: os jovens, que trouxeram naqueles anos o frescor da sua simplicidade e da sua generosidade, e, pelos caminhos normais de uma amizade, comunicaram essa intuição por toda a Itália.

### **O método da experiência**

*O senhor nos disse que no início da história do movimento de Comunhão e Libertação existe uma intuição, que se desenvolveu, transformando-se num método de vida e de presença, e já nos falou dessa intuição. Poderia, agora, esclarecer em que consiste o método mediante o qual essa intuição cresceu?*

O cristianismo é o anúncio de que Deus se tornou uma presença que pode ser encontrada na história, um fator como qualquer outro da existência humana. Deus se fez *constatável* na realidade de um sinal que, dois mil anos atrás, era a humanidade individual de Cristo e, hoje, por vontade d’Ele, é a unidade dos que creem, a Igreja. É deparando-se com esse sinal que o homem realmente faz a experiência da presença de Deus.

O método, portanto, consiste nisto: que a intuição se torna experiência. A experiência, antes de mais nada, é deparar-se com um sinal, com uma realidade objetiva que mobiliza a pessoa para o seu fim, para o seu destino (e, nessa mobilização, a pessoa é provocada a uma mudança, a uma conversão). A experiência é o lugar em que vemos se aquilo que intuímos é válido para a vida. O objeto com que o homem se depara, o sinal, é uma provocação. A presença de Cristo só chega de modo historicamente eficaz à vida do homem de nosso tempo como uma provocação que perturba a maneira de conceber a realidade, ou, melhor ainda, perturba até a maneira de percebê-la e, por conseguinte, perturba os critérios com os quais a pessoa avalia e decide.

O primeiro elemento metodológico é a insistência na certeza de que Cristo é o centro do cosmo e da história, constitutiva do núcleo da intuição cristã: essa “palavra clara”, essa certeza já em si mesma desconcertante – e isto é bem visível neste Papa –, contém uma atração profunda, na qual se revela a espera contínua que o homem vive desse anúncio, ainda que inconscientemente.

O alcance de verdade desse anúncio, sua densidade existencial, como tudo na vida, deve-se desenvolver tornando-se regra orgânica, dinamismo sistemático. É aí que está a importância da verificação, o segundo elemento metodológico: esta exige que, tendo ouvido um anúncio verdadeiro, a pessoa compare com esse anúncio o fluxo de sua vida e, por conseguinte, a trama de suas necessidades, de seus problemas, as situações, as reações, as exigências, etc. Só assim o encontro com Cristo se transforma num ponto de vista novo, numa verdadeira hipótese de trabalho a partir da qual alguém possa ver e enfrentar tudo o que o dinamismo normal da exigência cotidiana implica. Portanto, a atitude de “verificação” desemboca numa cultura, ou seja, numa compreensão global e renovada da realidade.

### **Um desafio cultural**

*Mas Comunhão e Libertação foi acusado muitas vezes de não entender a importância da “mediação cultural” e de não valorizá-la...*

Essa acusação nasce, na maior parte das vezes, creio eu, de uma concepção limitada e, no fundo, mesquinha de cultura. Na base de toda verdadeira grande cultura humana, como na base de toda verdadeira obra de arte ou de toda verdadeira filosofia, existe sempre uma intuição criativa, que se submete ao rigor de um método. Um enfrentamento que se esqueça da importância do rigor exigido por cada objeto é sentimental; mas uma cultura que censure programaticamente a intuição originária é abstrata. De qualquer forma, o início do posicionamento cultural dos cristãos é descrito pela exortação de São Pedro a “dar razão da vossa esperança” (1Pd 3,15). Isso pressupõe uma interrogação que parte do mundo e chega ao cristão. Para “dar razão”, é necessário antes de mais nada que a esperança seja tão evidente, que impressione os observadores, que constitua para eles um encontro e os obrigue a perguntar.

Se falta esse ponto de partida, é impossível qualquer construção cultural inserida na dinâmica da fé. Afinal de contas, a cultura é a paixão humana solicitada e potencializada pelo encontro. Na concepção paulina, Cristo é “o eixo em torno do qual estão suspensos ontologicamente todos os seres” (Huby). Existencialmente, isso significa que Cristo é o ponto de vista unitário capaz de levar a enfrentar qualquer aspecto da existência. Quem compreende isso vê-se transportado de repente para o coração de uma autêntica posição cultural, por mais que os instrumentos cognoscitivos de que disponha sejam totalmente inadequados para expressar a profundidade dessa compreensão que lhe foi doada. É verdade mesmo o que está escrito no Salmo 118: “Sou mais sábio do que todos os meus mestres, porque medito sem cessar vossa Aliança”.

Essa implicação global do cristianismo foi o que desde o princípio gerou em nossos jovens um gosto e uma decisão para enfrentar de maneira crítica e criativa o ambiente da escola, com toda a sua aspereza e as suas dificuldades. Quando voltamos a pensar nisso hoje, sentimos até um calafrio, pela boa dose de inconsciência que tínhamos, mas sentimos muito mais a necessidade de agradecer a Deus pela simplicidade de coração com que enfrentamos a ideologia que dominava as escolas e as universidades, e que possuía uma gama de recursos técnicos muito mais rica que a nossa, mas era pobre em proposta para a vida e, portanto, em cultura verdadeira.

Na objeção que desde aquela época faziam ao nosso posicionamento cultural, tenho a impressão de que houvesse uma mesquinhez na compreensão de qual é o método com o qual é feita a cultura. Faltava, naqueles que nos criticavam, a compreensão de que um horizonte global e um ponto de vista realmente unitário são a implicação e a exigência última de todo verdadeiro empreendimento de estudo e pesquisa. Realmente, em seu nível mais profundo uma posição cultural se identifica com uma paixão global pela vida e pelo mundo. O que visavam nos atacando era, no fim das contas, opor-se à afirmação de que a realidade de Cristo é o eixo de uma visão sistemática e crítica da totalidade da experiência humana.

No nível último, a posição cultural coincide, portanto, com uma forma nova do sujeito enquanto tal. Isso não é substitutivo de nenhuma mediação, não habilita a evitar nenhum esforço e nem é razão para queimar qualquer etapa determinada por esse esforço.

Algumas das críticas que nos eram dirigidas nasciam da justa preocupação de que nossa posição e nossa disposição cultural se identificassem com uma série de grandes afirmações ideais não lançadas num trabalho, como se, para fazer cultura, bastasse uma intuição, ou até a afirmação de ter tido uma intuição. Pelo contrário, a intuição, se é verdadeira, se desenvolve num trabalho. Seja como for, o risco certamente não vinha do nosso princípio educativo, tanto assim que muitos dos jovens daqueles primeiros anos figuraram entre os melhores de seus cursos e depois fizeram carreira no campo científico. Também nesse nível, sou obrigado a registrar a substancial falta de generosidade de muitas das críticas que recebemos, quando intelectuais de profissão punham-se a medir, de forma pedante, as

palavras e as vírgulas das primeiras tentativas culturais de um grupo de jovens, insensíveis ao que estes começavam a mendigar.

*Essa opção de partir da afirmação de que “Jesus Cristo é o centro do cosmo e da história” de maneira tão decidida não levava a um fechamento integrista das comunidades estudantis, a uma recusa a viver a relação com o mundo moderno e sua cultura, cujo caráter é completamente diferente?*

De jeito nenhum. Vou explicar dando um exemplo. Desde menino, meu poeta preferido, como eu já disse, era Leopardi, pois ele apresentava de um modo evidente e peremptório a pergunta sobre o sentido último e, portanto, sobre a felicidade que eu percebia como determinante da própria essência da alma humana. Esse nível de profundidade, a espera de Deus, define a nossa época histórica, como qualquer outra, de tanto que é inerente à existência do homem enquanto tal. Por isso, a abertura à nossa época é potencializada pela nossa certeza de fé.

*O declarado materialismo de Leopardi não era um problema para o senhor?*

Não, absolutamente. A pergunta que o agitava era tão forte, que não havia como não se mostrar de imediato a insuficiência ideológica da resposta.

*A intuição fundamental do Movimento é mais ética, mais filosófica ou mais poética?*

Se você põe a pergunta nesses termos, sou tentado a dizer que é mais poética. Mas gostaria de dizer que é simplesmente religiosa. No mesmo ato de conhecimento estão a emoção pela unidade do ser, dada pela poesia, e a sede de clareza racional, própria da filosofia. Von Balthasar também diz isso: o início da teologia é uma percepção estética, e a aventura da forma desenvolve essa percepção, fazendo dela um princípio de compreensão. De resto, eu sempre repito ao jovens: a partir de que nós julgamos? A partir da atração do ser que nos constitui. Logo, mesmo dentro de um sistema cognoscitivo estruturado é preciso sempre identificar a intuição originária que tenta dar razão de si por meio do desenvolvimento teórico. Mas, no fundo, o que encontramos é sempre a atração de algo experimentado como verdadeiro e que dá consistência existencial à afirmação teórica. A esse modo de dispor a questão é que se deve o fato de, no início do Movimento, nós termos tido uma posição cultural ativa. É claro que a sua tradução, a sua especificação e a sua edificação hão de implicar um tempo, o uso de todos os instrumentos adequados, como também a humildade, o sacrifício e o risco necessários.

*No fato de enfatizar de um modo tão decidido a importância da intuição originária não haverá o risco do irracionalismo, da desvalorização do momento racional da busca?*

De modo algum. Nós sempre dissemos que a intuição de que “Cristo é o centro do cosmo e da história” gera imediatamente uma busca que a esclareça; nunca é uma afirmação vazia; tem sempre um conteúdo racional e humano. O objeto da intuição é a verdade, o fundo do ser; e todo o espaço da vida e do saber é o lugar da verificação. A atitude irracionalista é aquela de quem estabelece uma intuição como princípio e se recusa a desenvolvê-la num confronto crítico com a realidade. Além do mais, o objeto da nossa intuição não é um sentimento vago, mas o Ser do qual emana a racionalidade da natureza e da história. A nossa intuição é tão pouco irracionalista, que coincide com a maneira como Santo Tomás (que certamente não é um irracionalista) fala da “inteligência”. Para Tomás, a inteligência nada mais é que o ato com que o homem se abre humildemente e sem pretensão à verdade e por esta se deixa preencher. Tampouco essa abertura originária contradiz a racionalidade, que é, propriamente, seu princípio e seu pressuposto inevitável.

*No entanto, parece que ninguém deu importância ao que o senhor diz, tão maciço foi o ataque ideológico contra CL.*

Não, não devemos exagerar. Alguns nos entenderam, chegamos a ter os nossos amigos. Quero lembrar, antes de qualquer outro, Giorgio La Pira, que talvez tenha sido a primeira das pessoas que encontramos que de fato nos entendeu. Além dele, gostaria de lembrar o professor Gustavo Bontadini, entre os docentes da Universidade Católica, e, mais recentemente, Hans Urs von Balthasar. Naturalmente, houve muitos outros, a quem gostaria de agradecer, embora não possa nomear a todos.

Mas outros “encontros” culturais também foram decisivos para nós: o encontro com os Padres e Doutores da Igreja e com muita gente que viveu com verdadeira profundidade seu itinerário humano.

### **Partilha do humano**

*Nesse sentido, sempre me chocou a acusação feita a CL de que representaria uma cultura tradicional (não no sentido positivo da palavra, de um vínculo com a raiz verdadeira da vida da Igreja, mas no sentido empoeirado, acadêmico...).*

Desde os primeiríssimos tempos, sublinhamos a necessidade de partir do homem e vimo-nos tendo por companheiros os maiores escritores, de Péguy a Claudel, de Dostoievski a Thomas Mann, de Leopardi a Rilke. De fato, uma posição cultural correta não tem medo de nada, encontra tudo o que é humano e retém aquilo que é justo, sem se deixar desviar pela ideologia. O Evangelho diz de modo insuperável: “O sábio tira do seu tesouro coisas novas e velhas”. Assim, nosso povo navegou pelas páginas de Shakespeare ou de Pavese, compartilhando a fundo a sua densidade humana e reencontrando a riqueza da pergunta humana, cuja única resposta adequada é Cristo. Com que entusiasmo e espírito de partilha líamos naquelas páginas o itinerário do homem! Todas as nossas

reuniões usavam livrinhos preparados pelos próprios jovens, que indicavam as leituras que mais os haviam tocado, que eles tinham achado mais consoantes com a sua experiência e exemplares de uma verdade ou de um valor.

Naqueles livrinhos, podemos encontrar, por exemplo, a poesia neorromântica ou a teologia dos Padres, Newman e Guardini, etc...

*Podemos dizer que o método que o senhor está expondo parte do homem, ou melhor, do fundo da questão humana, como o senhor deixa bem claro em O senso religioso; ao mesmo tempo, afirma que não é possível falar do homem prescindindo de Cristo, do encontro com Ele. Em outras palavras, diz que o homem é uma pergunta, e só é possível compreender uma pergunta implicando a sua resposta...*

Só quando encontramos a resposta é que a pergunta se esclarece. A convicção programática que guiou os nossos primeiros passos, quase como o tema de um desafio à cultura dominante, é o grito com que o rétor Vitorino anunciava sua conversão ao povo: “Quando encontrei a Cristo, me descobri homem”. Com que critério podemos avaliar toda a proposta que emerge da vida, nas inúmeras formas em que essa proposta se fermenta e se coagula? Ou esse critério se delineia como original e constitutivo do nosso “eu”, como o rosto, o olhar com que a natureza nos lança na relação com tudo, ou esse critério nos é dado e, portanto, imposto constantemente pela mentalidade dominante. O único caso em que a possibilidade de “ser” da pessoa, a capacidade crítica, é preservada é o primeiro: um critério oferecido pelo rosto original, constitutivo do nosso “eu”, estrutura da nossa natureza. É esse critério que se evidencia naquilo que eu chamo “experiência elementar”, o conjunto de exigências e evidências com as quais a natureza nos engaja na comparação com todas as coisas. Esse conjunto de exigências constitui a interrogação que o homem é. A pessoa em última instância é sede de verdade, de felicidade, de liberdade, ou seja, sede de ser, de realização total, e por conseguinte sede de adesão ao que a complete e a “faça”. “Nada é tão inacreditável quanto a resposta a um problema que não se apresenta” (R. Niebuhr). Sempre citei essa frase aos jovens, pois a primeira condição para entender a resposta ao humano que Cristo pretende ser é sentir até o sofrimento a própria pergunta humana não respondida. O encontro com Cristo exalta essa dor, da mesma forma como a fome é exaltada à vista da comida.

*E, em certo sentido, essa é também a tarefa da comunidade cristã, enquanto fato concreto e visível, presente no ambiente, na qual o Movimento tanto insiste, pois só o encontro com uma humanidade diferente abre a reconsiderar o problema humano...*

Indubitavelmente, devemos levar em conta também que a comunidade é condição existencial necessária ao próprio “eu”, à pessoa. De fato, se de um lado a comunidade é o primeiro impacto, por mais titubeante e frágil que seja às vezes, com o sinal de Cristo, de outro lado é o húmus em que a

realidade da pessoa pode desenvolver a percepção de si e, portanto, em que pode brotar a pergunta verdadeira.

### **A busca intelectual**

*Essa intuição é profundamente moderna e ao mesmo tempo absolutamente tradicional. Aliás, sempre me impressionou muito o fato de as primeiras páginas de O senso religioso repetirem, com palavras filtradas pela experiência moderna, as observações que abrem a grande sinfonia sobre o homem que é a Prima Secundae da Suma Teológica de Santo Tomás. Quais foram os mestres que o introduziram nessa compreensão da herança tradicional da Igreja, tão inusitada para a cultura católica daquela época?*

Além dos nomes que já citei, eu falaria do próprio clima do seminário de Venegono. Pois, embora não de maneira genial, como nos personagens que foram citados, todos ali eram animados pela intuição de que a verdade e, portanto, a novidade têm como apoio para se tornar conscientes no homem o testemunho do longo passado cristão, e nele encontram a indicação da resposta verdadeira.

*Foi com base nisso que o senhor iniciou sua atividade de pesquisador e docente na universidade. Poderia contar-nos algo desse aspecto da sua experiência intelectual?*

Fiz meu trabalho de conclusão de curso sobre Reinhold Niebuhr. É um personagem singular, que une em si agudeza de investigação sociológica, profundidade filosófica e o espírito religioso de um grande teólogo. Ele representa o resultado mais maduro e crítico da teologia protestante norte-americana das décadas de 1930 e 1940.

A Primeira Guerra Mundial e, depois, a crise de 1929 impunham uma profunda autorreflexão crítica ao ingênuo otimismo progressista que até então impregnara o pensamento religioso americano, por exemplo na direção do *Social Gospel* teorizado por Rauschenbusch. Niebuhr, a partir dessa situação espiritual, redescobre num certo sentido a tragicidade imanente da existência humana e desenvolve, em cima disso, uma nova teologia, que costuma ser definida existencialista, mas que, nos seus aspectos mais destacados, merece ser considerada simplesmente realista, pelo extraordinário equilíbrio com que sabe descrever ao mesmo tempo a grandeza e a miséria do homem. Mais tarde, tive a possibilidade de passar uma longa temporada nos Estados Unidos, durante a qual realizei as pesquisas que depois foram reunidas em meu livro *Teologia protestante americana. Perfil histórico*.

*O que um católico como o senhor aprendeu com a teologia protestante?*

Antes de mais nada, o senso do limite inerente a toda posição humana. Esse é o ponto de partida de qualquer espírito sadio na direção da percepção da existência do divino. Ligado a isso vem o senso de concretude, que, em suas melhores manifestações, não é de modo algum um pragmatismo achatado,

mas um gosto pela realidade vista na totalidade de seus fatores, que desemboca num realismo no qual o respeito pela liberdade se apresenta com a valorização de todos os aspectos das coisas. Uma outra figura que me influenciou muito foi Paul Tillich. Embora seja alemão como formação original, Tillich encarnou com perfeição o espírito do protestantismo americano.

*O senhor, como católico, faria alguma crítica a esse posicionamento teológico, embora tão fascinante?*

Bem, acredito que haja um aspecto, o mais profundo, tanto do pensamento de Niebuhr quanto do de Tillich que não pode ser desenvolvido a fundo num ambiente protestante, a não ser que queiramos, por exemplo, repetir o itinerário de um Newman na direção da Igreja Católica. É justamente a questão da percepção do limite. Diz Tillich que a realidade humana é uma espécie de linha de fronteira em que a história e o mistério do homem se encontram. Uma linha de fronteira, não um *sinal*, e menos ainda um sinal eficaz, no qual o mistério se faz presente (um sacramento). Por esse motivo, a reflexão deles continua, em última instância, como que suspensa num vazio.

Dentro do *a priori* subjetivista, que é próprio do pensamento protestante, o limite acaba quase inevitavelmente por remeter, em vez de a Deus, à profundidade do próprio indivíduo, ou da humanidade enquanto tal, como acontece nas diversas teologias da morte de Deus, por exemplo em Vahanian. A mensagem bíblica de salvação se reduz a um contexto de intuições, dentro do qual se desenvolve uma simples análise existencial do homem. Na tradição católica, ao contrário, o limite assume uma consistência ontológica e sacramental; no sinal, o Ser se manifesta, se anuncia, mantendo a forma própria do sinal e estabelecendo a capacidade de chamado de atenção evocativa e sugestiva que o sinal possui. Essa é, afinal, a ideia tomista da essência das coisas, como sinal do qual o Ser transborda, deixando-se encontrar por quem busca a verdade. É esse sentimento da objetividade do mistério que tira, do gosto pelo concreto, ou seja, pela experiência e pela verificação, o risco de cair num pragmatismo sem alma.

*Mas o interesse pela teologia protestante americana não foi seu único interesse cultural, em seu período de estudos e ensino...*

Não. Tive três encontros intelectuais nos meus anos de estudos de teologia: Newman, que me introduziu à cultura anglo-saxã e pelo qual eu já me havia começado a interessar desde a época do segundo grau; Möhler e a teologia católica alemã do século XIX; e, por fim, os filósofos e os teólogos da ortodoxia russa, especialmente os “eslavófilos”. Aliás, cheguei por algum tempo a lecionar Teologia Oriental na faculdade teológica. Também nesse caso, se o primeiro termo de comparação, naturalmente, foi Dostoiévski, li também depois Khomiakov, que me revelou a beleza e a profundidade da concepção russo-ortodoxa da Igreja. Li muito do que era possível encontrar naqueles

anos sobre a eclesiologia oriental, coisas que eram divulgadas sobretudo pelo Instituto Russicum, dos jesuítas romanos.

*Em que consistiu propriamente esse encontro com a tradição oriental?*

Dois elementos me impressionaram principalmente, dois elementos que são parte integrante da própria tradição católica, mas cuja memória, no Ocidente, de certa forma se enfraqueceu. O primeiro é o conceito de transfiguração, que permaneceu no nosso discurso como um de seus fatores fundamentais. Ou seja: quem enfrenta o mundo em Cristo percebe e manipula as coisas de um modo tal (como sinal de Cristo), que as coisas se revelam como a aurora de um novo dia, como princípio misterioso da manifestação de Cristo. No Ocidente, esse elemento se degradou, até se tornar um simples “modo de dizer” de uma teologia mística que as pessoas podem dar-se ao luxo de não levar demasiado a sério (como se o místico fosse um tipo um pouco doido e não alguém que vai mais a fundo num mistério que carrega em si a vida de todos). Sob essa luz, o uso das coisas é como que a aurora real da experiência de humanidade nova e de mundo novo (“céus e terra nova”); é a manifestação inicial (aureal) da plenitude de verdade e de beleza a que o sinal remete. De fato, o mundo novo já começou com a ressurreição de Cristo, e a nós nos é dado fazer experiência dele.

O segundo elemento decisivo que aprendi com os orientais é o conceito de *sobornost*: é o desenvolvimento de uma virtualidade pouco sublinhada da “comunhão”. Em outras palavras, a comunhão é fator necessário ao conhecimento, é fator que o torna possível. Vida de comunhão e conhecimento novo (ou seja, autêntico, verdadeiro) da realidade estão ligados um ao outro. É claro que não no sentido banal de que os objetos do conhecimento são materialmente diferentes, mas no sentido de que sua verdade última, o fato de existirem para a redenção final, se manifesta: por conseguinte, o “rosto” das coisas mostra-se realmente diferente.

*Em certo sentido, é a mesma coisa que diz um dos maiores filósofos leigos de nosso tempo, Theodor W. Adorno, ao falar de sua teoria crítica da sociedade: “Olhar para o mundo do ponto de vista de uma redenção possível”. Mas afinal Adorno, como origem, também era judeu, alguém que cresceu na fé dos profetas e do povo da Bíblia. Ao que me parece, a própria ideia da Igreja como “povo de Deus” pode ser ligada ao conceito de sobornost.*

Acho mais correto dizer que podemos ligar a esse conceito a ideia da Igreja como corpo de Cristo, cuja forma de sinal é ser povo. Essa ideia já nos havia fascinado mesmo antes do Concílio, quando a líamos na *Mystici corporis*: a ideia de povo completa, do ponto de vista de uma evidência educativa, a ideia ontologicamente mais profunda de corpo de Cristo.

## ***A communio***

*Essas coisas nos remetem à maneira como o senhor concebeu no início a questão da cultura.*

É verdade. De fato, a cultura é a expressão tendencialmente crítica e completa da consciência que a pessoa tem da totalidade de seu ser. A dimensão comunitária, de povo, é um elemento essencial dessa totalidade viva. A comunidade, portanto, é um fator, uma “dimensão” da pessoa, não uma organização, nem um agrupamento, nem muito menos um coletivo que substitui a pessoa. É esse, além do mais, também o sentido verdadeiro do personalismo comunitário de Mounier e de Maritain, demasiadas vezes distorcido no sentido de um deletério individualismo ou no sentido de uma ênfase exasperada (e muito pouco cristã) do coletivo. *A communio*, ao contrário, acontece sempre a partir da ontologia da pessoa.

*Falamos da cultura protestante e da ortodoxa. Por que o senhor, que tem uma simpatia tão viva por essas tradições religiosas, é católico?*

Desse ponto de vista, para mim é decisiva a resposta que Newman deu a essa mesma questão: porque esta é a tradição ininterrupta que chega a partir de Cristo e de seus apóstolos até nós. Além disso, a Igreja Católica é a única (ao lado da ortodoxa) que preserva a estrutura original que o Pai escolheu para comunicar-se aos homens, a estrutura sacramental, que tem como raiz a presença de Deus em Cristo. E é a única estrutura do acontecimento religioso inteiramente, plenamente humana. De fato, a verdade atrai como *adaequatio* entre o que está à nossa frente e a percepção que temos de nós mesmos. Ora, no sacramento de Cristo, Deus dá um passo na direção do homem e se torna encontro, cheio de verdade e de fascínio também humano. Não existe nada que seja mais correspondente à natureza do homem. Mas há também um outro motivo. Foi justamente o encontro respeitoso e cheio de admiração com o espírito protestante e com o gênio da ortodoxia que me fez entender melhor como a Igreja Católica é o único lugar em que o sentido ortodoxo da comunhão e o gosto protestante pelo concreto e o individual podem conciliar-se harmonicamente numa síntese completa.

*Grande parte dessa estrutura cultural, que o senhor nos explicou, já tinha sido construída antes do Concílio. Que impacto o Concílio teve sobre o Movimento? É verdadeira a acusação feita muitas vezes a Comunhão e Libertação de ter ficado ancorado a posições pré-conciliares?*

Eu ainda me lembro dos sobressaltos de entusiasmo que tivemos ao encontrar desenvolvidas organicamente nos documentos do Concílio, à medida que iam saindo, temáticas que constituíam o conteúdo mais profundo da nossa sensibilidade intelectual, do nosso empenho e da nossa prática de vida. Sentíamos a gratidão de quem ouve de modo mais completo e profundo, com “autoridade”, a repetição do porquê exaustivo do que está vivendo. Eu me lembro, por exemplo, da festa que fizemos

quando saiu a *Lumen gentium*, que enfatiza tão magnificamente, de modo particular no parágrafo 8, o fato de a Igreja ser comunidade visível, experimentável, encontrável: a alma da nossa tentativa. O mesmo se deu com a *Gaudium et spes*, pelo interesse, pela paixão pelo mundo, pela estima pelas tentativas humanas, mesmo percebendo sua tristeza última. Essa também sempre foi uma característica nossa, como vimos na paixão com que o nosso povo se lançou, sedento, em busca da verdade no humano, em toda parte e como quer que pudesse ser encontrado. Quanto mais essa paixão compartilhada é verdadeira, porém, maior é a percepção da tristeza última pela incompletude do humano, de forma tal que só na experiência de Cristo a esperança encontra sua realização. Aliás, uma das frases que eu sempre citava era esta: “Não vim para abolir a Lei, mas para cumpri-la”, ou seja, para torná-la verdadeira. A “Lei” é a expressão mais elevada do esforço de inteligência e de moralidade do homem, que Deus não despreza, mas acolhe e realiza no mistério da Sua presença. Não, não dá para dizer realmente que nós não estamos em sintonia com o Concílio: além de tudo, os teólogos em cima de cujos livros nos formamos não são, por acaso, os precursores e os especialistas do Concílio? Basta pensar em De Lubac e em Von Balthasar; mas teríamos outros a acrescentar. Os motivos pelos quais somos acusados são vários. Muitos dos protagonistas da “atualização” conciliar, na Itália, estavam convencidos de que o Concílio tinha aberto a Igreja Católica a uma trama de pensamento tomada de empréstimo de certas modas filosóficas ou sociológicas. Nós, ao contrário, mesmo respeitando todas as ciências humanas, cada uma em seu âmbito, tínhamos a convicção de que o ponto de partida a que o Concílio nos remetia era a imitação da estrutura mental, do método, que Cristo tinha usado em sua vida. Abrir-se ao mundo não significa aceitar, às vezes acriticamente, as ideologias do mundo, mas, sim, encontrar o desejo de verdade que anima os homens. De resto, ficou evidente como eram infundadas, por exemplo, as posições daqueles que nos acusavam de integrismo, sacudindo no ar a todo momento o livro de Maritain sobre o *Humanismo integral*. Acredito que não haja dúvida alguma sobre o fato de que, se estivesse vivo e se interessasse pelas coisas italianas, o grande filósofo francês se reconheceria muito mais nas nossas posições que nas de muitos de seus discípulos daquela época (e de hoje: basta lembrar a acolhida a *Le Paysan de la Garonne*).

### **Autoridade e liberdade**

*Foi sempre fonte de muitas dificuldades o uso que Comunhão e Libertação faz da palavra e do conceito de autoridade. Talvez tenha ocorrido em torno disso o conflito mais radical, pois a ênfase dada à autoridade sempre pareceu ao mundo algo antimoderno, medieval, negador da liberdade e da independência do indivíduo. No entanto, o senhor sempre afirmou que a autoridade é a ocasião para a liberdade. Pode explicar melhor esse conceito de autoridade?*

Você tem razão quando diz que a autoridade é a ocasião para a manifestação da liberdade, pois é

diante do seu objeto que uma potencialidade é levada a efeito; é ante um exemplo mais maduro de fé (do ponto de vista da clareza de ideias, da generosidade de ação e, portanto, da atratividade de proposta) que a liberdade, vislumbrando melhor seu objeto último, põe-se em ação. É no impacto provocado por uma presença mais propensa ao ideal que fica mais evidente a razoabilidade e a atratividade daquilo para o qual a pessoa tende e, por conseguinte, a possibilidade de conseguir alcançar seu fim. Por isso, é sempre por imitação que a dinâmica da afirmação de si se desenvolve de maneira equilibrada e sadia. Traduzida em termos dignamente humanos, essa imitação se chama seguimento. O seguimento, portanto, é a forma pela qual a pessoa se dá conta dos valores. Longe de ser um abandono irracional (como muitos o deturparam propositalmente, aventando que era esse o nosso sistema), o seguimento é o gesto que mais que qualquer outro exige o exercício da inteligência, para que a pessoa possa ver se e como se realiza a verificação da proposta de valor que a autoridade personifica. Mas, para que esse exercício da razão se desencadeie, é necessária a disponibilidade original a dar crédito a uma novidade, inicialmente apenas intuída, e a segui-la. O que torna razoável o seguimento é o sobressalto que uma presença verdadeira e cheia de autoridade desperta na vida, como um conselho inesperado a sair de si, a arriscar com mais coragem na aventura humana. Nós muitas vezes identificamos essa “autoridade” com a “graça”, com um “dom”, ou, para falar de maneira mais laica, com a manifestação de uma hipótese de trabalho a ser verificada. A autoridade, existencialmente, é a grande hipótese dentro da qual a pessoa se lança num trabalho. Se a autoridade é adequada, ou seja, verdadeira, se sua proposta corresponde à verdade objetiva, então a comparação com a vida verifica, com o tempo, a exatidão da hipótese. Por conseguinte, a gratidão ao mestre que introduziu à verdade da vida e, portanto, à experiência da liberdade caminha *pari passu* com o aumento da liberdade que a pessoa assume em sua vida. Essa não é uma doutrina própria de CL, mas é a maneira como a Igreja sempre entendeu a educação. A cultura laica mais sensível chega às mesmas conclusões: que psicólogo negaria que essa é a dinâmica por meio da qual a criança, e depois o adolescente, na relação com o pai e com a mãe, chegam à consciência de si?

*Muita gente, porém, aponta uma dificuldade: como é que essa concepção, absolutamente livre, carismática, da autoridade se liga à autoridade institucional dentro da Igreja, com sua estrutura hierárquica, na qual a autoridade não nasce de um reconhecimento livre?*

Quando seguimos o Papa, os bispos e os sacerdotes que estão em comunhão com ele, não seguimos suas figuras humanas, mas Cristo por intermédio delas; seguimos o designo do Espírito de Deus na história e em nossa vida. Eles, de fato, são os instrumentos de que Cristo quis se servir para chegar a todos. O seguimento passa a ser algo natural quando a pessoa aprende a vislumbrar neles a relação cheia de autoridade com a figura de Cristo, que é o único Mestre. Comunhão e Libertação nada mais é que uma tentativa de introduzir pedagogicamente a estrutura objetiva da autoridade da Igreja.

Justamente por isso, é uma tentativa contingente e se submete à verificação crítica daqueles que a realizam de modo responsável.

### **Responsabilidade na Igreja**

*É verdade que já faz muitos anos que as vozes dos pastores das Igrejas do Leste, de Wyszynski e de Wojtyla são ouvidas e meditadas em Comunhão e Libertação?*

Sim, faz muitos anos. E, ao lado desses, as vozes de outras figuras, menos conhecidas, mas também de enorme espiritualidade e profundidade religiosa, como, por exemplo, Zverina.

Aliás, o amor à Igreja, desde o princípio, é católico, ou seja, universal. Quem sente isso percebe a necessidade de comunicar a todos a novidade que tornou sua vida plena. Assim, a missão foi desde o princípio uma dimensão essencial para o nosso movimento, mesmo quando podia parecer um desperdício de energias que poderiam ser úteis em nosso país. Tudo isso com a única pretensão de expressar a dinâmica normal da vida cristã. Como disse Pigi Bernareggi, um dos primeiros de nossos amigos que foram para o Brasil: “O seguimento torna fácil, quase óbvio, o que aos olhos do mundo é impossível”.

*O senhor gostaria de dizer alguma coisa aos membros de Comunhão e Libertação para ajudá-los a enfrentar as novas responsabilidades que o movimento adquire com o atual momento de graça da Igreja?*

O único problema é centrar ainda mais clara e intensamente, crítica, cordial e generosamente tudo na palavra do Papa. Por isso, quem tem autoridade no Movimento deve ser um exemplo de seguimento autêntico da palavra do Magistério. A pessoa que Deus usa para educar à sua Igreja, do ponto de vista do conteúdo da verdade, num certo sentido é indiferente. No presente momento da Igreja, todavia, o tipo humano deste Papa é em si mesmo um fato altamente significativo, do ponto de vista pedagógico. As pessoas responsáveis pelo nosso movimento têm o dever agudo de se identificar com o tipo humano pelo qual hoje é guiada a Igreja, de se identificar com a certeza humana repleta de fé que o Papa vive, com a urgência de tornar Cristo o eixo de todo o olhar voltado para o homem e para o mundo. Este Papa nos ensina uma abertura absoluta ao humano em sua concretude original, o que é totalmente diferente de uma abertura às interpretações do humano que aos poucos vão caindo no gosto da maioria, a qual acaba por assumir uma atitude servil perante os intelectuais de plantão. Se as pessoas perdem esse ponto de referência original, acabam por trair o homem para ir atrás de seus pensamentos orgulhosos, “sonhando”, como diz Eliot, “com sistemas tão perfeitos em que o bem seja de todo dispensável” (Eliot, T. S. “Coros de ‘A Rocha’”. In: *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 186).

*E o senhor, que sempre disse desejar construir um diálogo fraterno e um trabalho comum entre todos os católicos, o que gostaria de dizer a todos os setores do mundo católico que até ontem foram adversários de CL e que, talvez, até por efeito do novo clima humano que marcou o início deste pontificado, começam a mudar de opinião?*

Sempre quisemos construir a unidade entre os cristãos, não por uma razão política ou de poder, mas porque o que dá glória a Deus no mundo é justamente essa unidade impossível. Este é o milagre: *signum elevatum in nationibus*, como diz a teologia. Desapareceríamos de bom grado para criar essa unidade.

*E o pluralismo?*

A unidade verdadeira nasce quando vamos até o fundo da nossa posição humana, até encontrar o que é mais profundo: ou seja, aquilo que une. É nessa profundidade que a unidade e o pluralismo se encontram. A unidade entre você e mim nasce porque cada um de nós vai até o fundo da sua experiência humana e, lá, encontra o rosto de Jesus Cristo. Por isso, ao mesmo tempo em que peço a todos que trabalhem pela unidade, peço a cada um que vá até o fundo da sua experiência de verdade, e que cada um ame realmente a experiência dos outros. Só isso torna a pessoa capaz de uma verdadeira correção. E foi dessa mesma correção verdadeira, permita-me dizer, que sempre careceram conosco (com raríssimas exceções): muitas críticas, mas quase nunca alguém que nos tenha corrigido, levado pelo desejo evidente de nos ajudar a ir até o fundo da experiência de verdade que procurávamos viver. Quem ama o ideal nada deseja mais que ser ajudado pela correção. Mas a pessoa é ajudada pela correção quando se sente amada em seu caminho para o ideal.

*Gostaria que o senhor comentasse uma expressão que o ouvi repetir mesmo recentemente: a tarefa da autoridade não é fazer a organização crescer, mas levar a acontecer a verdade de cada um.*

A tarefa da autoridade, enquanto tal, é valorizar a fé, a esperança e a caridade presentes num indivíduo ou num grupo. A organização da comunidade deve existir, mas apenas para favorecer isso; do contrário, transforma-se num projeto de sabedoria humana, que elimina a ação do Espírito e tende, na prática, a produzir uniformidade, mesmo quando, com as palavras, é exaltado o pluralismo. E a uniformidade cultural e mental é o túmulo de qualquer genialidade, ou seja, do carisma. A autoridade é como um pai que tem muitos filhos: ele não pode deixar de se expressar valorizando a cada um; e é na afirmação da fisionomia de cada filho que a unidade da família se torna segura.

*Quando me casei, o senhor me disse que rezasse a Nossa Senhora. É uma coisa que estou meditando desde então.*

A genialidade do cristianismo está na fidelidade com que é percebida a figura de Nossa Senhora; é

aí que o método que Deus usou para salvar o mundo fica claro. A maior das categorias do método usado por Deus na história para com o homem é a escolha gratuita, a eleição. Do ponto de vista humano, nunca, como em Maria, essa gratuidade se manifestou em sua soberania absoluta. O fato de termos sido escolhidos é o sinal da liberdade absoluta de Deus. Em segundo lugar, Maria é a mãe do mundo novo, e por isso o mundo novo é feito por seu tipo moral, espiritual e físico, é feito d'Ela. Temos acesso ao milagre da libertação do homem e do sentido do cosmo e da história graças ao *fiat* de Maria. O desígnio de Deus quis ficar suspenso à mercê desse *sim*, pronunciado pela liberdade de Maria. Maria, enfim, é o paradigma total da vida cristã. Cristo é tudo, mas é d'Ela que nasce no mundo. O mesmo se dá conosco: tudo é dado pela força do Verbo que se fez homem, mas fisicamente é por intermédio de nós que Cristo se manifesta no mundo. A disponibilidade total a essa manifestação procede de uma única palavra: memória. Viver a memória do encontro com Ele para viver a disponibilidade a reconhecê-Lo de novo em todos os dias da vida. E quem é que vivia na memória dessa presença mais que Maria?

*Quando o Papa encontrou CL, recebeu o senhor como a um velho amigo. Entre outras coisas, disse: “A vossa proposta teve apoios, se bem que entre lutas e oposições, e sei que também sofrestes. Então, entre lutas e oposições, vistes convergir para vós e colocarem-se ao vosso lado outros jovens, a quem o vosso exemplo fez descobrir novos horizontes de doação, de autorrealização e de alegria. [...] É importante continuardes, com coragem humilde, a anunciar a palavra salvadora de Cristo”. Depois, deixou de lado o discurso escrito que tinha sido preparado e falou de improviso, lembrando os vários encontros que ao longo de muitos anos tinham marcado as etapas de uma amizade. O senhor pode nos contar como essa amizade nasceu?*

Realmente, mais que um amigo pessoal meu, o Papa sempre foi, desde os tempos em que era arcebispo de Cracóvia, um amigo de muitos de nós. Eu o encontrei uma vez só, em Kroscienko, mas foram incontáveis os encontros que tive com nossos jovens que peregrinavam ao território da Polônia.

Eu diria que esse encontro, como quase todos os fatos decisivos da vida de CL, também foi puramente casual. Tal como CL se propagou de Milão para toda a Itália só porque os nossos, quando viajavam nas férias, encontravam pessoas de sua idade em outras regiões e lhes comunicavam o gosto pela experiência que estavam vivendo, aconteceu o mesmo quando alguns de nós, na Polônia, encontraram pessoas que viviam a mesma realidade, com a mesma intenção profunda, que nos estávamos experimentando aqui, na Itália. Era o movimento do padre Blachnicki, que na época se chamava “Oásis” e hoje tem o nome de “Luz e Vida”.

Foi uma oportunidade que deu uma resposta positiva e surpreendente a uma necessidade inconsciente, à urgência e à paixão pelo reconhecimento recíproco na mesma fé, portanto no mesmo valor acerca do próprio ser, da vida e de tudo.

Aliás, a constituição das pequenas ou das grandes comunidades, entre nós, respondia a essa mesma urgência. Essa disponibilidade ativa, essa irrequietude benéfica do nosso olhar e do nosso coração, propensos a descobrir quem, como nós, acreditava em Cristo e o desejava como vida do homem, não nos permitia deixar escapar uma oportunidade, quando esta se dava.

Foi do mesmo jeito, aliás, que, além da realidade polonesa, encontramos a da América Latina, e que, no Brasil, chegou mesmo a se desenvolver uma presença missionária intensa do nosso movimento.

Tradução de Durval Cordas.

© Fraternità di Comunione e Liberazione